

Como o inconsciente 'trata' o traumático do real?*

How the unconscious 'treats' the traumatic of the real

Cómo el inconsciente 'trata' lo traumático de lo real

*Raul Albino Pacheco Filho***

Falar do real, tal como o concebe Lacan, é falar sobre “aquilo que subsiste fora da simbolização, mas que, de alguma forma, a solicita.” (SOLER, 2021, p. 164) Ou seja, é falar do que escapa à linguagem e não se comanda; e que por isso mesmo é traumático, no sentido em que Freud empregava o termo. Estamos aqui no âmbito do que pode ser chamado “acontecimento” [événement], como propõe Soler: um choque do real, enquanto uma situação diante da qual o sujeito se encontra sem recursos contra o poder de um real que se impõe. Situação distinta de um “advento” [avènement] de real, na medida em que “o acontecimento [événement] de um real somente é advento se o aporte significante a ele se acrescentar” (SOLER., p. 176): ou seja, transformar um acontecimento em um advento requer a invenção de um significante que se articule ao primeiro. Colette Soler aborda esse assunto em seu seminário de 2015-2016 nas Formações Clínicas do Campo Lacaniano de Paris, publicados no livro “Adventos do real: da angústia ao sintoma” (2021), cujo subtítulo já nos antecipa a função do sintoma na transformação de acontecimento em advento, pela operação do significante.

* Resenha do livro SOLER, Colette (2021) *Adventos do real: da angústia ao sintoma*. 2ª ed. São Paulo, Aller. Edição Kindle.

** Coordenador do Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade da PUC-SP, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-7977-7952>. E-mail: raulpach@pucsp.br

Em “A Terceira” (1975), conferência pronunciada em 1974, encontramos a menção de Lacan ao fato da angústia encontrar-se presente em “todo advento do real”¹ (LACAN, *apud* SOLER, 2021, p. 180). E, se real é o que escapa à simbolização (linguagem), então o acontecimento de um real consiste na emergência da ameaça de um real sem o Outro: ou seja, uma situação em que surge a ameaça de não se ter a quem recorrer; a do esgotamento dos recursos subjetivos; da criatura abandonada; do desamparo [Hilflosigkeit]. “— Pai, não vês que estou queimando?” como no sonho interpretado por Freud e mencionado por Lacan no Seminário 11 (LACAN, 1988), em que a própria frase é uma tocha, pois “a chama nos cega sobre o fato de que o fogo pega no *Unterlegt*, no *Untertragen*, no real.” (p. 61). Porém, não se trata de uma eventualidade, pois o Outro “falta eternamente no que tange a responder ao sujeito, mas essa falta é estrutural: ela decorre da linguagem”. (SOLER, 2021, p. 19).

É aí que surge o sintoma como resposta, entre os quais a fobia é o sintoma maior, quase inevitável da primeira infância. Um sintoma que tem como função organizar o próprio campo libidinal do sujeito, diferentemente do pânico, que desorganiza e desfaz as regulações de um funcionamento prévio ordenado pelas referências do sujeito ao suspender e pulverizar o saber sobre a realidade (que não se confunde com o real). (SOLER, 2021, p. 14-15).

A autora desdobra os avanços na teorização de Lacan sobre a fobia que ocorrem em um movimento paralelo à redefinição lacaniana das concepções de inconsciente e de simbólico. Ela vinha abordando essas redefinições desde seu seminário de 2007-2008 nas Formações Clínicas do Campo Lacaniano de Paris: “No ‘Resumo do seminário O Ato Psicanalítico’, vocês podem verificar que Lacan introduz o saber sem sujeito (...). ‘Eu digo, o inconsciente, seja, o real — caso se acredite em mim’” (SOLER, 2012, p. 119). Sabemos que essa progressão decorreu do esforço de Lacan para formalizar cada vez mais rigorosamente o registro do real e o gozo, de modo a dar conta do aspecto econômico da metapsicologia freudiana. Movimento que

1 Soler diz que embora haja diferentes versões da transcrição dessa conferência, “o áudio é confiável, e lá está justamente “advento” de real, que Lacan pronunciou claramente.” (2021, p. 180)

muitos autores denominam passagem do campo da linguagem ao campo do gozo, o que não implica, de modo algum, o abandono da referência aos registros do imaginário e do simbólico. Neste sentido, conhecemos a posição de Colette Soler, cuja trajetória sempre se mostrou contrária a uma ruptura que cindisse a clínica lacaniana em duas entidades divergentes: uma clínica do simbólico e uma clínica do real.

Na altura do Seminário 4 (1995), em 1956 e 1957, a fobia era entendida como apenas um deslocamento do 'problema' do sujeito: um significante substituía o objeto de angústia (o Outro traumático) e se tornava agente de medo. Contudo na altura do Seminário 8 (1992), em 1960 e 1961, a fobia já era concebida como a elaboração de um esboço de 'solução'. Encontrando-se o sujeito sem defesa frente ao desejo do Outro, a fobia surgiria para evitar que ele se reduzisse à condição de objeto do Outro, ao desempenhar sua dupla função: sustentar a relação do sujeito ao desejo, sob a forma de angústia; e evitar sua aniquilação narcísica. Produzindo um significante onde ele estava faltando e preenchendo o furo do sistema significante ameaçado por um real, a fobia seria inauguradora do mecanismo neurótico.

Na altura do Seminário 15 (s./d.) e do Seminário 16 (2008), pronunciados em 1967-1968 e em 1968-1969, respectivamente, Lacan já dispõe da formalização do "*objeto a*" e busca homologias na lógica e da matemática, explorando-as como ferramentas teórico-epistêmicas para redefinir a noção de inconsciente como "saber sem sujeito" e do simbólico como mais do que uma lei: agora o simbólico é também uma "ordenação numérica". (SOLER, 2021, p. 120-121).

Na nova formulação a fobia perde o estatuto de modalidade de neurose e passa a ser concebida como "placa giratória", que tanto pode se voltar para as modalidades de neurose (histeria e neurose obsessiva), quanto "até mesmo fazer a junção com a perversão" (SOLER, 2021, p. 109): ou seja, agora a fobia é entendida como uma "figura clínica", que é porta de entrada do inconsciente e, ao mesmo tempo, está no princípio de seu desconhecimento. A fobia é o primeiro significante constituinte do lugar dos traços unários do saber inconsciente: o "Um primeiro" do saber no

Outro, que é inconsciente saber sem sujeito. “Há um nascimento do Outro, como disse, a fobia responde a isso, e há uma gênese do *objeto a* no Outro, correlativa.” (SOLER, 2021, p. 127-128).

Observem-se as modificações com relação às formulações anteriores: do sujeito do inconsciente (antes) ao inconsciente como um saber sem sujeito (depois); da fobia como metáfora do Outro, homóloga à metáfora paterna (antes), à fobia como primeiro significante legível que é constituinte do Outro (depois); do Outro como resultado da metaforização do Nome-do-Pai (antes), à nova formulação em que o Pai deixa de ser o fundamento constituinte do Outro e segundo a qual não há Outro do Outro que constitua uma garantia para o sujeito (depois).

Essas mudanças terão implicações para as formulações sobre as psicoses e sobre a forclusão do Nome-do-Pai. Considere-se também que, a respeito da relação do significante com o “*objeto a*”, ainda que os significantes da fobia convoquem o objeto sob todas as formas imaginárias, o estatuto do objeto é real.

Soler retoma os exemplos clínicos explorados por Lacan no Seminário 16 (2008) — entre eles: o pequeno Hans; o menino com fobia de galinhas citado no livro de Helene Deutsch; e Anna O. — para aprofundar as mudanças teóricas trazidas.

O Outro dos significantes do saber sem sujeito aí está irremediavelmente furado, a enforma [*enforme*] do Outro, com maiúscula, é também, então, a ‘em-fôrma’ [*em-forme*] de *a*, sem maiúscula. Forma deve ser tomada aqui no sentido de formal, não de forma imaginária. (SOLER, 2021, p. 137)

Como diz Lacan no Seminário 16: “Esse *em-fôrma* inscreve-se numa topologia na qual se apresenta no nível desse campo como o que nele produz um furo.” (2008, p. 292). No livro, as (os) leitoras (es) poderão acompanhar detalhadamente e em profundidade os avanços que ele foi introduzindo, em articulação com a lógica, a matemática e a teoria dos conjuntos, até chegar à “Conferência de Genebra” (LACAN, 1985), proferida em 1975, em que se encontram os últimos desenvolvimentos a respeito da fobia.

Nessa última etapa, o inconsciente é reconceptualizado como uma invenção sustentada por uma descoberta ligada ao encontro do “*falasser*”

com sua própria ereção. Descoberta que se manifesta sem a participação do sujeito: a ereção do órgão, “um acontecimento de corpo, portanto, um primeiro gozar que se impõe.” (SOLER, 2021, p. 151). Trata-se do primeiro gozo que se refere à diferença entre os sexos, que surge no período do complexo de castração. O sujeito passou quatro ou cinco anos de sua vida adquirindo o domínio de suas funções corporais e “eis que subitamente aparece um gozo que não obedece à demanda (...) o que fazer com isso?” (SOLER, 2021, p. 152). Esse gozar primeiro faz efração e é deslocado sobre o objeto significante da fobia. É aí que surge um “primeiro significante da ‘outra cena’ na qual existem significantes que não representam o sujeito. (...) esse é o primeiro significante do gozo do corpo correlato ao sexo” (*Id.*).

Em 1975, a proposta de Lacan é que a fobia não produz uma simbolização, mas sim a coalescência entre a realidade sexual e a linguagem. Coalescência como processo que, de dois elementos, faz apenas um (como a cicatrização das bordas de uma ferida). Não se trata de divisão entre psique e corpo: “trata-se do real e do Um. O real em virtude de que esse dito ser ‘se jouis’ [se goza]”. (SOLER, 2021, p. 154).

O sujeito diz ‘não’ a um gozo e a fobia inventa um significante e desloca o gozo para ele. Se nas formulações lacanianas do campo da linguagem o gozo era vedado ao ser falante, que só tinha as pulsões parciais para compensar o efeito castração pela linguagem, agora o significante se goza: “a própria cifra se transforma em objeto gozado, independentemente do sentido.” (p. 198). A fobia, portanto, a partir do encontro traumático com o real sexual, inaugura uma via de acesso pela linguagem: uma passagem do acontecimento [événement] real para um advento [avènement] do real. “No advento do real, seja ele qual for, o que advém é a conjunção, a coalescência, de um real fora do simbólico com a linguagem e seus Uns.” (p. 183).

No percurso da Psicanálise, que vai da invenção de um inconsciente com um sentido decifrável (por Freud) até as últimas formulações da tese de que “o inconsciente é que o ser, ao falar, goza” (por Lacan), verifica-se que o analisante consome o gozo do sentido, mas, ao desdobrar o sentido, “consome também o gozo cifrado, fálico” (SOLER, 2021, p. 184). Daí o término de uma análise implicar um ato.

Psicanalistas e interessados que já possuam alguma iniciação em Psicanálise poderão acompanhar, por meio do livro de Soler, como a fobia está na origem de um ‘tratamento’ do traumático do real por meio do inconsciente, sendo, portanto, pré-condição ao próprio processo de uma análise. Refletindo sobre o porquê de Lacan ter precisado de três tempos para repensar o fenômeno clínico da fobia (1956, 1969 e 1975), Soler oferece sua conclusão convincente: porque “a clínica não é a descrição dos fenômenos; a clínica consiste em, a partir deles, construir ou, ao menos, perceber, a [sua] estrutura.” (2021, p. 157).

BIBLIOGRAFIA

- LACAN, Jacques (1995) *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- LACAN, Jacques (1992) *O seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- LACAN, Jacques (1988) *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- LACAN, Jacques (s.d.) *O seminário, livro 15: O ato psicanalítico*. Inédito.
- LACAN, Jacques (2008) *O Seminário, Livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- LACAN, Jacques (1975) La Troisième. Conférence prononcée a Rome, le 1 Novembre 74, dans le 7ème Congrès de l’École Freudienne de Paris. *Lettres de l’École freudienne*, 1975, n° 16, pp. 177-203.
- LACAN, Jacques (1985) Conférence a Genève sur Le symptom. Conférence prononcée au Centre R. de Saussure à Genève, le 4 Octobre 75. *Le Bloc-notes de la psychanalyse*, 1985, n° 5, pp. 5-23.
- SOLER, Colette (2012) *O inconsciente: que é isso?* São Paulo, Annablume.
- SOLER, Colette (2021) *Adventos do real: da angústia ao sintoma*. 2ª ed. São Paulo, Aller. Edição Kindle.

Recebido em 12/04/2022

Aceito em 02/08/2022